


Não me abandone jamais  
Kazuo Ishiguro



Não me abandone jamais  
Kazuo Ishiguro

COMPANHIA DAS LETRAS



## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



KAZUO ISHIGURO

# Não me abandone jamais

*Tradução*  
Beth Vieira



*Para Lorna e Naomi*

*Inglaterra, final dos anos 90.*



Me chamo Kathy H. Tenho trinta e um anos e sou cuidadora há mais de onze. Tempo demais, eu sei, mas eles querem que eu fique mais oito meses, até o fim do ano. O que dará quase exatos doze anos de serviço. Sei que o fato de ser cuidadora há tanto tempo não significa necessariamente que meu trabalho seja considerado fantástico. Houve alguns ótimos cuidadores que receberam ordem de parar depois de dois ou três anos apenas. E eu conheço pelo menos um que ficou os catorze anos completos, apesar de ter sido um desperdício total de espaço. Portanto, minha intenção aqui não é me vangloriar. Mas não resta a menor dúvida de que eles estão satisfeitos comigo e de modo geral não tenho do que me queixar. Meus doadores sempre foram muito melhores do que eu esperava. Todos se recuperaram com uma rapidez impressionante e quase nenhum chegou a ser classificado como “agitado”, nem mesmo antes da quarta doação. Muito bem, talvez eu esteja me vangloriando um pouco agora, admito. É que significa um bocado para mim poder dar conta direito do trabalho, sobretudo essa parte dos doadores continuarem “calmos”. Desenvolvi uma espécie de instinto em relação a eles. Sei quando devo permanecer por perto oferecendo consolo e quando é melhor deixá-los em paz; quando escutar o que têm para falar e quando tão-somente encolher ombros e dizer-lhes que não se entreguem ao desânimo.

De todo modo, não estou reivindicando nada de muito grandioso para mim. Conheço cuidadores que trabalham tão bem quanto eu e que não recebem nem a metade dos créditos. Se você for um deles, entendo o motivo de possíveis ressentimentos — em relação a meu conjugado, meu carro e, acima de tudo, ao fato de eu mesma escolher os que vão ficar sob meus cuidados. Sem falar que sou de Hailsham — o que por si só muitas vezes é suficiente para deixar as pessoas de mau humor. Elas dizem, a Kathy H.? Ela escolhe o pessoal a dedo, e sempre da turma dela: gente de Hailsham ou de algum outro estabelecimento igualmente

privilegiado. Não é à toa que ela tem uma ficha excelente. Nem sei quantas vezes já escutei isso, e posso imaginar que você ouviu muitas mais, de modo que talvez haja um fundo de verdade aí. Mas não fui a primeira a poder escolher, e duvido que seja a última. De qualquer forma, já fiz minha parte, cuidando de doadores trazidos de tudo quanto foi lugar. Até eu terminar meu serviço, não se esqueça, terei completado doze anos, e só nos últimos seis é que eles me deixaram escolher.

E por que não me deixariam? Cuidadores não são máquinas. Nós tentamos fazer o melhor possível para cada um dos doadores, mas no fim o serviço é exaustivo. Paciência e energia têm limite, e isso vale para todo mundo. De modo que quando surge a oportunidade de escolher, claro que você vai optar por pessoas semelhantes a você. Isso é natural. Eu não teria tido a menor condição de continuar fazendo o que faço durante tanto tempo se porventura deixasse de nutrir sentimentos pelos meus doadores em cada uma das etapas percorridas. Além do mais, se eu não tivesse obtido permissão de escolher, não poderia ter me reaproximado de Ruth e Tommy depois de tantos anos, não é mesmo?

Nos dias que correm, claro, há cada vez menos doadores conhecidos, o que significa que na prática não tenho escolhido tanto assim. E, como eu sempre digo, quanto menos ligação existe com o doador, mais difícil fica fazer o serviço; portanto, mesmo que eu sinta falta de ser cuidadora, acho correto dar finalmente por encerradas minhas atividades no final do ano. Ruth, por falar nisso, foi apenas a terceira ou quarta doadora que pude escolher. Já havia uma cuidadora designada para ela, na época, e lembro-me que foi preciso uma certa dose de coragem de minha parte. Mas no fim dei um jeito, e assim que a vi de novo, naquele centro de recuperação de Dover, nossas diferenças — ainda que não tivessem exatamente sumido do mapa — não me pareceram nem de longe tão importantes quanto tudo o mais: o fato de termos crescido juntas em Hailsham, o sabermos e nos lembrarmos de coisas que ninguém mais sabia ou das quais ninguém mais se lembrava. Foi dessa época em diante, imagino, que comecei a buscar nos doadores pessoas conhecidas no passado e, sempre que possível, de Hailsham.

Houve épocas, na decorrer desses anos todos, em que tentei esquecer Hailsham e me convencer de que não seria bom ficar olhando tanto para trás. Porém num determinado momento simplesmente parei de resistir. E isso teve a ver com um doador em particular, de quem tomei conta certa feita, no meu terceiro ano como cuidadora; com a reação dele quando comentei que era de Hailsham. Ele tinha acabado de sair da terceira doação, que não dera muito certo, e já devia saber que não iria se safar. Embora mal conseguisse respirar, me olhou e disse: “Hailsham. Aposto como era um lugar lindo”. Na manhã seguinte, batendo um papinho na tentativa de distraí-lo daquilo tudo, perguntei de onde ele era; o doador mencionou algum lugar em Dorset e sua expressão, por baixo da

pele manchada, passou a um tipo bem diferente de esgar. Foi então que caí em mim e percebi a vontade imensa que ele tinha de não se lembrar de nada. Tudo o que ele queria era que eu falasse de Hailsham.

Portanto, durante os cinco ou seis dias que se seguiram, contei-lhe tudo o que ele quis saber, enquanto, do leito, ele me ouvia fascinado, com um leve sorriso nos lábios. Falei dos nossos guardiões, das caixas com as coleções que eram guardadas debaixo da cama, do futebol, das partidas de rounders, do caminho estreito que contornava todos os cantos e recantos externos do casarão, do lago com os marrecos, da comida, da vista que tínhamos das janelas da Sala de Arte pela manhã, com os campos cobertos de bruma. Às vezes ele me fazia repetir vezes sem conta a mesma coisa; algo que eu mencionara no dia anterior voltava a ser alvo de perguntas, como se ele nunca tivesse escutado uma única palavra sobre o assunto. “Vocês tinham um pavilhão de esportes?” “Quem era seu guardião predileto?” De início, pensei que fosse apenas efeito dos remédios, mas depois me dei conta de que ele estava bem lúcido. Mais do que ouvir falar de Hailsham, ele queria se lembrar de Hailsham como se Hailsham tivesse pertencido a sua própria infância. Sabia que estava perto de concluir, de modo que me fazia descrever as coisas de forma que elas penetrassem de fato em sua lembrança. A intenção dele, talvez — durante as noites insones devido aos remédios, à dor e à exaustão —, era tornar indistintos os contornos que separavam as minhas memórias das suas. Só então compreendi, compreendi de fato, quanta sorte tivéramos — Tommy, Ruth, eu, na verdade todos nós.

Ainda hoje, dirigindo pelas estradas do interior, vejo coisas que me fazem lembrar de Hailsham. Às vezes, passando por um trecho sob neblina ou descendo a encosta de algum vale, ao divisar parte de um casarão ao longe, e até mesmo quando vislumbro o desenho formado por um grupo de choupos plantados no alto de um morro, logo me ocorre pensar: “Talvez seja ali! Achei o lugar! Aquilo é Hailsham, só pode ser!”. Depois percebo que é impossível e sigo adiante, com os pensamentos vagando por outras paragens. Em especial, há os pavilhões. Vejo-os por todo o interior, sempre erguidos ao lado de um campo de esportes — pequenas construções pré-fabricadas, pintadas de branco, com uma fileira de janelas numa altura absurda, bem lá em cima, enfiadas quase debaixo dos beirais. Acho que eles devem ter construído um monte desses pavilhões nos anos 50 e 60, época em que muito provavelmente também construíram o nosso. Toda vez que passo perto de um, olho comprido para ele durante o tempo que for possível, e qualquer dia ainda vou causar um acidente por causa disso, mas não consigo evitar. Não faz muito tempo, eu rodava por um trecho deserto de Worcestershire e vi um, ao lado de um campo de críquete, tão parecido com o nosso em Hailsham que cheguei até a fazer o retorno e voltar para dar uma segunda olhada.

Adorávamos nosso pavilhão de esportes, talvez porque nos trouxesse à

mente aquelas deliciosas casinhas que apareciam em tudo quanto era livro ilustrado, quando éramos crianças. Lembro-me de nós, ainda nos anos Júnior, implorando aos guardiões para que dessem a aula seguinte lá, e não na sala habitual. Mais tarde, quando cursávamos o Sênior 2 — quando tínhamos doze para treze anos —, o pavilhão se tornou nosso esconderijo predileto, nosso e dos nossos amigos mais íntimos, quando queríamos fugir de tudo e de todos em Hailsham.

O pavilhão era suficientemente grande para abrigar dois grupos distintos sem que um incomodasse o outro — no verão, um terceiro grupo podia ficar na varanda. Mas o ideal é que você e seus amigos ficassem com o lugar só para si, de modo que era muito freqüente haver discussões e empurra-empurra. Os guardiões viviam nos dizendo para agirmos com civildade a respeito, mas na prática era preciso contar com personalidades fortes no grupo para ter alguma chance de conseguir exclusividade no pavilhão durante um recreio ou um período livre. Eu própria não era do tipo franzino, mas desconfio que foi de fato graças a Ruth que conseguimos nos reunir lá com a freqüência com que nos reuníamos.

Em geral não fazíamos mais que nos aboletar nas cadeiras e nos bancos — éramos cinco, seis quando Jenny B. ia junto — e bisbilhotar sobre a vida alheia. Havia um tipo de papo que só tinha possibilidade de acontecer quando estávamos escondidas lá no pavilhão; só então podíamos conversar sobre alguma coisa que estivesse nos preocupando, assim como também podíamos acabar às gargalhadas ou num arranca-rabo danado. Na maior parte das vezes, era uma forma de descontrair um pouco, ao lado das amigas do peito. Nessa determinada tarde à qual me refiro agora, estávamos em pé sobre banquinhos e bancos, amontoadas em volta das janelas altíssimas. Isso nos dava uma visão muito boa do Campo de Esportes Norte, onde cerca de doze meninos, do nosso ano e do Sênior 3, se preparavam para jogar futebol. O tempo estava claro, mas devia ter chovido pouco antes, porque me lembro da luz do sol cintilando na superfície da relva enlameada.

Alguém comentou que não devíamos espiar daquela maneira assim tão óbvia, mas nós mal recuamos da janela. E então Ruth falou: “Ele não desconfia de nada. Olha só para ele. Ele de fato não desconfia de nada”.

Quando Ruth disse isso, olhei para ela em busca de algum sinal de reprovação ao que os meninos iriam fazer com Tommy. Mas no segundo seguinte Ruth deu uma risadinha e falou: “Idiota!”.

Percebi então que para Ruth e para as outras qualquer coisa que os meninos resolvessem fazer não nos dizia respeito em absoluto; nossa aprovação não vinha ao caso. Estávamos reunidas em volta das janelas naquele momento não porque ansiássemos por ver Tommy ser humilhado de novo, e sim porque simplesmente tínhamos ouvido falar do complô mais recente e sentíamos uma leve curiosidade de acompanhar sua concretização. Naquele tempo, acredito que

os assuntos particulares dos meninos mal arranhavam a superfície das nossas preocupações. Para Ruth e para as outras, a distância entre eles e nós era enorme, e é bem provável que eu visse as coisas sob esse mesmo prisma.

Ou talvez essa minha lembrança esteja meio equivocada. Pode ser que já na época, ao ver Tommy correndo pelo campo com aquela sua indiferente expressão de deleite no rosto por ter sido aceito de volta, prestes a participar do jogo em que era tão bom, eu tenha sentido uma pequena pontada de dor. O fato é que me lembro muito bem de ter reparado na camisa que ele usava, comprada no Bazar do mês anterior, uma pólo azul-clara da qual tinha o maior orgulho. Lembro-me de ter pensado: “O Tommy é muito burro mesmo, vindo jogar futebol com ela. Vai ficar imprestável, e aí então como é que ele vai se sentir?”. Em voz alta, eu disse, para ninguém em especial: “O Tommy está com aquela camisa. A pólo preferida dele”.

Não creio que alguém tenha me escutado, porque estavam todas rindo de Laura — a grande palhaça do grupo —, que imitava, uma após a outra, as expressões que surgiam no rosto de Tommy enquanto ele corria, gesticulava, gritava, chutava. Os outros meninos todos se movimentavam pelo campo naquele ritmo propositadamente lânguido de quem está fazendo o aquecimento, mas Tommy, na sua emoção, parecia já estar em plena partida. E eu então disse, um pouco mais alto que da última vez: “Ele vai ficar tão chateado se estragar aquela camisa”. Dessa vez, Ruth me ouviu, mas deve ter pensado que eu estava fazendo algum tipo de piada, porque riu de um jeito meio forçado e logo em seguida fez algum gracejo.

Aquela altura os meninos já haviam parado de chutar a bola e estavam todos reunidos, imóveis no campo enlameado, com o peito arfando para cima e para baixo, suavemente, enquanto esperavam o início da escalação. Os dois capitães que surgiram eram do Sênior 3, embora todo mundo soubesse que Tommy jogava melhor do que qualquer um deles. Em seguida foi feita a primeira escolha e o vencedor encarou o grupo.

“Olha só para ele”, falou alguém atrás de mim. “Ele tinha certeza absoluta de que ia ser o primeiro escolhido. Olha só para ele!”

De fato, havia algo de cômico na expressão de Tommy naquele momento, algo que fazia você pensar, bem, de fato, se ele vai se comportar de forma assim tão tola então bem-feito, ele merece o que está por vir. Os outros meninos fingiam não estar dando a mínima para o processo de escolha, fingiam não se incomodar com os respectivos lugares na escalação dos times. Alguns conversavam baixinho com os colegas, outros reajustavam o laço dos cadarços e alguns apenas fitavam os pés, amassando o barro. Tommy, porém, olhava ansiosamente para o menino do Sênior 3 como se seu nome já tivesse sido chamado.

Laura continuou seu teatro durante toda a escalação, imitando as diferentes expressões que passavam pelo rosto de Tommy: a animada ansiedade do início; a

preocupação aturdida depois de quatro escolhas sem que seu nome tivesse sido chamado; a mágoa e o pânico quando começou a desconfiar do que estava de fato acontecendo. Eu porém não via muito bem o que Laura fazia porque estava vigiando Tommy; só sei das palhaçadas dela porque as outras não paravam de rir e de incentivá-la a prosseguir. E então, depois de Tommy ter sido largado sozinho em campo, enquanto os outros meninos disfarçavam a risada, ouvi Ruth dizer: “Chegou a hora. Segurem firme. Sete segundos. Sete, seis, cinco...”

Ela nem precisou terminar. Tommy explodiu num berreiro infernal e os meninos, que já então riam abertamente, começaram a correr na direção do Campo de Esportes Sul. Tommy deu alguns passos atrás do bando — difícil dizer se o instinto lhe dissera para ceder ao ímpeto e sair em perseguição raivosa ou se havia entrado em pânico por ter sido deixado para trás. De um modo ou de outro, estacou logo em seguida e ficou ali fuzilando os jogadores com olhares irados, o rosto escarlate. Depois começou a berrar e xingar — uma barafunda incoerente de palavrões e insultos.

Já tínhamos assistido a suficientes acessos de Tommy, àquela altura, de modo que descemos dos nossos banquinhos e nos espalhamos pelo salão. Tentamos conversar sobre outras coisas, mas Tommy não parava de fazer escarcéu lá fora e, apesar do esforço inicial para ignorá-lo, com algumas reviradas de olho, ao fim e ao cabo — é provável que bem uns dez minutos depois de descermos dos banquinhos —, estávamos de volta às janelas.

Não dava mais para ver os outros meninos e os comentários de Tommy já não eram endereçados a ninguém em particular. Ele se limitava a rugir e agitar os braços para lá e para cá, para o céu, para o vento, para o mourão de cerca mais próximo. Laura disse que talvez estivesse “ensaando seu Shakespeare”. Uma outra chamou a atenção para o jeito como ele erguia um pé do chão, apontando-o para fora, “feito um cachorro fazendo xixi”. Na verdade, eu já tinha reparado nesse movimento dele, mas o que me preocupava era que toda vez que ele batia o pé no chão respingava barro na canela. Pensei outra vez em sua preciosa camisa, mas havia uma boa distância entre nós e não dava para eu ver se ela também estava muito salpicada de barro.

“Imagino que seja meio cruel”, Ruth disse, “o jeito como eles provocam o Tommy. Mas a culpa é toda dele. Se aprendesse a manter a calma, todo mundo deixaria ele sossegado.”

“Eles continuariam a provocá-lo do mesmo jeito”, disse Hannah. “O Graham K. é tão enfezado quanto o Tommy, mas isso só faz as pessoas tomarem o maior cuidado ao lidar com ele. As pessoas pegam tanto no pé do Tommy porque ele é um vadio.”

Logo depois estavam falando todas ao mesmo tempo, comentando que Tommy nunca nem tentava ser criativo, que ele não apresentara nada para a Permuta de Primavera. Desconfio que, àquela altura, a verdade é que todas nós

torcíamos em segredo para que algum guardião aparecesse e tirasse Tommy dali. Embora não tivéssemos participado daquele último plano para irritar Tommy, havíamos ocupado nossos assentos na primeira fila da arena e estávamos começando a nos sentir culpadas. Entretanto não houve nem sinal de guardião, de modo que continuamos a desfiar motivos para explicar por que Tommy merecia tudo o que lhe acontecia. Porém na hora em que Ruth olhou o relógio e disse que, embora ainda restasse um tempinho, seria melhor voltarmos, ninguém levantou objeções. Tommy continuava a plenos pulmões quando saímos de lá. O casarão ficava à esquerda e, uma vez que ele se achava parado no meio do campo, bem na nossa frente, não havia necessidade de passar perto. Mesmo porque ele estava de costas e, pelo visto, nem se dera conta da nossa presença. Eu, porém, enquanto minhas amigas seguiam contornando o campo de esportes, fui me desviando na direção dele. Sabia que elas ficariam intrigadas, mas continuei indo — mesmo quando escutei a voz de Ruth me dizendo, num cochicho urgente, que voltasse. Desconfio que Tommy não estava acostumado a ser interrompido durante seus acessos, porque a primeira reação dele quando me aproximei foi olhar fixamente para mim durante um segundo antes de retomar o berreiro. Era como se estivesse interpretando alguma coisa de Shakespeare e eu tivesse entrado no palco durante a apresentação. Mesmo quando falei: “Tommy, sua camisa boa. Você vai estragar ela toda”, não obtive o menor sinal de que havia me escutado.

De modo que estendi a mão para tocar seu braço. Mais tarde as outras meninas diriam que ele tinha feito de propósito, mas eu tinha certeza absoluta de que não fora por querer. Seus braços continuavam se agitando para lá e para cá e não havia como ele saber que eu iria tocá-lo. De todo modo, ao erguer o braço, ele empurrou minha mão para o lado e me atingiu na lateral do rosto. Não doeu nada, mas deixei escapar uma exclamação de surpresa, assim como a maioria das meninas. Foi nesse momento que Tommy finalmente se deu conta de mim, das outras meninas, de si mesmo, do fato de estar ali no meio do campo se comportando daquela maneira, e me olhou com uma expressão meio idiota no rosto.

“Tommy”, eu disse, com bastante severidade. “Tem barro na sua camisa toda.”

“E daí?”, ele resmungou. Mas, mesmo enquanto pronunciava isso, baixou os olhos, reparou nos salpicos marrons e por pouco não soltou um grito de alarme. Foi então que reparei na expressão de surpresa estampada em seu rosto por eu saber de seus sentimentos pela camisa pólo.

“Não fique preocupado com o barro”, eu disse, antes que o silêncio se tornasse humilhante demais para ele. “Isso sai. Se não conseguir tirar você mesmo, leve para Miss Jody.”

Ele continuou examinando a camisa, depois disse, mal-humorado: “Além do mais, isso não é da sua conta”.

A impressão que eu tive foi que Tommy se arrependeu na hora desse último comentário. Ele me olhou todo encabulado, como se esperasse de mim alguma palavra de conforto. Mas eu já tivera uma dose mais que suficiente de Tommy para um só dia, sobretudo com as meninas me vigiando, e — e até onde me era dado saber — com uma quantidade bem maior de gente me espiando das janelas do casarão. De modo que dei as costas com um gesto de pouco-caso e fui para perto de minhas amigas.

Ruth pôs o braço em volta dos meus ombros quando nos afastamos. “Pelo menos você conseguiu fazer com que ele baixasse a bola. Você está bem? Criatura mais louca.”

Isso foi há muito tempo e posso ter me enganado quanto a alguns detalhes; mas, pelas minhas lembranças, ter me aproximado de Tommy naquela tarde fazia parte de uma fase transitória — algo a ver com uma compulsão a estabelecer desafios para mim mesma — que eu mais ou menos já havia deixado de lado quando ele me abordou, alguns dias depois.

Não sei como eram as coisas onde você esteve, mas em Hailsham tínhamos de passar por algum tipo de exame médico quase toda semana — em geral na Sala 18, lá no último andar — com a severíssima enfermeira Trisha, ou Cara de Corvo, como nós a chamávamos. Naquela manhã ensolarada, subíamos em batalhão a escada central para sermos examinados por ela enquanto uma outra leva, que acabara de passar pelo exame médico, vinha descendo. De modo que a escadaria inteira ressoava de ecos; eu subia os degraus de cabeça baixa, seguindo logo atrás dos calcanhares da pessoa em frente, quando uma voz bem pertinho de mim falou: “Kath!”.

Tommy, que estava na fornada que voltava do exame, tinha parado bem no meio da escada com um sorriso enorme no rosto que me deixou imediatamente irritada. Pode ser que anos antes, ao topar com alguém que tivéssemos prazer em rever, pudéssemos exibir uma expressão semelhante à estampada no rosto de Tommy. Mas estávamos com treze anos e ele era um menino cruzando com uma menina numa situação pública ao extremo. Minha vontade foi dizer: “Ei, Tommy, por que você não cresce, hein?”. Mas me contive, e em vez disso falei: “Tommy, você está atrapalhando todo mundo. E eu também”.

Ele deu uma olhada para o alto, e, de fato, um lança acima as pessoas já estavam tendo de parar na escada. Por um segundo Tommy deu a impressão de que iria entrar em pânico, depois se espremeu bem junto à parede, perto de mim, de modo a permitir a passagem apertada dos outros que vinham atrás. E então

disse:

“Kath, andei procurando você por toda parte. Eu queria pedir desculpas. Quer dizer, eu sinto muito, de verdade. Sério mesmo, não era minha intenção bater em você naquele dia. Nunca me passaria pela cabeça bater em menina, mas, mesmo que isso acontecesse algum dia, eu jamais bateria em você. Desculpe. De verdade.”

“Tudo bem. Foi um acidente, mais nada.” Fiz um meneio de cabeça e ensaiei continuar meu caminho. Tommy, porém, disse, todo animado:

“A camisa está em ordem agora. Saiu tudo.”

“Que bom.”

“Não doeu, doeu? Quando eu bati em você?”

“Claro que doeu. Fraturei o crânio. Tive concussão, o diabo. Acho que até a Cara de Corvo é capaz de notar. Quer dizer, isso se eu conseguir chegar lá.”

“Não brinca com isso, Kath. Então, sem rancores? Você me desculpa? Sinto muito, mesmo.”

Acabei abrindo um sorriso e dizendo, sem ironia nenhuma: “Olha só, Tommy, foi um acidente e já está cem por cento esquecido. Eu não fiquei com nenhuma raiva de você, nem um pouquinho”.

Ele continuava com expressão de incerteza no rosto, mas alguns alunos mais velhos já estavam começando a empurrá-lo, mandando que se mexesse. Ele sorriu rápido para mim, me deu uma palmadinha no ombro, como se eu fosse um menino mais novo, talvez, e seguiu o fluxo. E depois, quando comecei a subir, escutei-o gritar lá de baixo: “A gente se vê, Kath!”.

Para mim, a ocasião fora um tanto embaraçosa, mas não levou a provocações nem fofocas; e tenho de admitir que, se não fosse por aquele encontro na escada, é bastante improvável que eu tivesse me interessado tanto quanto me interessei pelos problemas de Tommy durante as muitas semanas seguintes.

Cheguei a presenciar alguns incidentes. Mas na maioria das vezes só ficava sabendo sobre eles através de terceiros, e, sempre que isso acontecia, interrogava a pessoa até obter um relato mais ou menos completo. Houve novos acessos de raiva, como aquele em que Tommy supostamente derrubou duas carteiras no chão, na Sala 14, e esparramou todo o conteúdo delas pelo assoalho da classe; os outros alunos fugiram para o corredor e ergueram barricadas na porta para que ele não conseguisse sair. Numa outra ocasião, o professor Christopher foi obrigado a imobilizar os braços de Tommy para impedir que ele atacasse Reggie D. durante um treino de futebol. Além disso, todo mundo testemunhou o fato de que, quando os meninos do Sênior 2 saíam para correr, Tommy era o único que não tinha parceiro. Ele era um bom corredor e costumava abrir muito depressa uma distância de dez, quinze metros dos demais, talvez esperando que isso disfarçasse o fato de ninguém querer correr com ele. E quase todos os dias havia

rumores sobre alguma diabrura feita contra ele. Grande parte era o de sempre — objetos estranhos em cima da cama dele, uma minhoca nos cereais matinais e por aí fora —, mas algumas brincadeiras demonstravam maldade excessiva. Como aquela vez em que alguém limpou a privada com a escova de dentes de Tommy e ele a usou — com as cerdas cheias de merda. O engraçado é que com o porte e a força que ele tinha — e suponho que também por seu temperamento — ninguém o intimidava fisicamente, mas, pelo que me lembro, ao menos duas vezes por mês acontecia um incidente. Eu achava que mais cedo ou mais tarde alguém começaria a dizer que a coisa havia ido longe demais, mas que nada, as peças continuavam a ser pregadas e ninguém dizia coisa nenhuma.

Eu mesma tentei tocar no assunto uma vez, isso no dormitório, depois do apagar das luzes. No Sênior éramos só seis em cada quarto, de modo que havia apenas nosso grupinho dormindo lá e, em geral, tínhamos nossas conversas mais íntimas deitadas no escuro, pouco antes de pegar no sono. Ali podíamos falar de coisas que jamais mencionaríamos em outro lugar, nem mesmo no pavilhão. De modo que uma noite toquei no assunto de Tommy. Não falei muita coisa; apenas resumi tudo o que vinha acontecendo com ele e disse que não achava muito justo aquilo. Depois que terminei de falar, fez-se um silêncio meio engraçado, que ficou reverberando no escuro, e percebi então que todas aguardavam a resposta de Ruth — que era o que em geral acontecia sempre que surgia um assunto mais espinhoso. Continuei esperando até que ouvi um suspiro vindo do lado onde Ruth dormia e ela disse:

“Você tem uma certa razão, Kathy. Não é legal. Mas se ele quer que isso pare vai ter de mudar de atitude. Ele não tinha nenhuma peça para a Permuta de Primavera. E será que vai ter alguma coisa para o mês que vem? Aposto que não.” É melhor eu explicar um pouco a respeito dessas nossas Permutas em Hailsham. Quatro vezes por ano — primavera, verão, outono e inverno — realizávamos uma espécie de grande exposição-com-ventas de tudo quanto tivéssemos criado nos três meses seguintes à Permuta anterior. Pinturas, desenhos, cerâmicas; tudo quanto é tipo de “escultura” feita com qualquer que fosse a grande febre do momento — latas amassadas, talvez, ou tampinhas de garrafa grudadas em cartolina. Para cada contribuição recebíamos um certo número de Vales-Permuta — os guardiões decidiam quantos uma determinada obra-prima merecia — e depois, no dia, você comparava com os vales e “comprava” as coisas de que gostava. A regra era que só era permitido adquirir trabalhos feitos pelos alunos do próprio ano da gente, mas ainda assim tínhamos um amplo leque de opções, já que a maioria de nós conseguia ser de uma fecundidade extraordinária em três meses.

Olhando em retrospecto, entendo por que as Permutas se tornaram tão importantes para nós. Para começo de conversa, e excetuados os Bazares — mas sobre isso, que é uma outra história, volto a falar mais tarde —, as Permutas eram

o único meio de formarmos nossas coleções particulares. Se você por exemplo quisesse decorar as paredes em volta de sua cama, ou se estivesse atrás de alguma coisa para carregar na sacola e colocar sobre a carteira em cada sala de aula, uma Permuta era o lugar certo para encontrar o objeto procurado. Agora também entendo o efeito mais sutil que as Permutas exerciam sobre todos nós. Pensando um pouco melhor a respeito, o fato de dependermos uns dos outros para a produção daquilo que poderia se tornar o seu ou o meu tesouro particular — é claro que isso influenciava os relacionamentos. A história de Tommy era bem típica. Na maior parte do tempo, tanto a maneira como a pessoa era vista em Hailsham como o grau de apreço e respeito que lhe dedicavam tinham relação direta com o quanto você era bom em “criar”.

Ruth e eu relembramos isso tudo diversas vezes, alguns anos atrás, quando cuidei dela no centro de recuperação de Dover.

“É tudo parte do que fez de Hailsham um lugar tão especial”, ela me disse uma vez. “A forma como éramos incentivados a valorizar o trabalho uns dos outros.”

“É verdade”, falei. “Mas às vezes, quando penso naquelas Permutas, agora, uma boa parte me parece um tanto esquisita. A poesia, por exemplo. Lembro que podíamos entregar poemas em vez de um desenho ou uma pintura. E o mais estranho é que todos nós achávamos isso ótimo, achávamos que fazia sentido.”

“E por que não faria? A poesia é importante.”

“Mas nós estamos falando de coisas escritas por crianças de nove anos de idade, versinhos engraçados cheios de erros de ortografia anotados em cadernos de escola. Gastávamos nossos preciosos vales em cadernos cheios daquelas bobagens, em vez de comprar alguma coisa realmente bonita para pôr ao lado da cama. Se tínhamos tanto interesse pela poesia dos outros, por que não pedíamos o caderno da pessoa emprestado e copiávamos tudo numa tarde de chuva? Mas você se lembra bem de como era. Chegava o dia de uma Permuta e lá ficávamos nós, nos digladiando pelos poemas da Susie K. e por aquelas girafas que a Jackie fazia.”

“As girafas da Jackie”, Ruth disse com uma risada. “Eram tão lindas. Eu tive uma.” Estávamos batendo esse papo num belo fim de tarde de verão, sentadas na pequena sacada do quarto de recuperação de Ruth. Ela fizera sua primeira doação havia alguns meses e, como o pior já tivesse passado, eu planejava minhas visitas de final de tarde de modo a podermos ficar uma meia hora ao ar livre, vendo o sol baixar sobre os telhados. Dava para ver uma porção de antenas e pequenas parabólicas; muito de vez em quando, bem lá ao longe, divisávamos uma linha cintilante de mar. Eu levava água mineral e biscoitos e ali ficávamos, conversando sobre tudo o que nos vinha à cabeça. O centro onde Ruth estava naquela época era um dos meus prediletos, e eu até que não me incomodava se acabasse dando com os costados por lá. Os quartos de recuperação, embora

pequenos, são muito bem planejados e confortáveis. Tudo — as paredes, o chão — foi revestido de azulejos brancos, que o centro mantém tão limpos e brilhantes que ao entrar pela primeira vez é como se você tivesse entrado numa sala de espelhos. Claro que a pessoa não chega a ver seu reflexo repetido um monte de vezes, mas é quase como se fosse possível. Toda vez que você ergue um braço ou quando alguém se senta na cama, você sente esse movimento pálido de repetição ao redor, em cada azulejo. Bom, mas como eu ia dizendo, o quarto de Ruth naquele centro também tinha grandes painéis de vidro de correr, de modo que era muito fácil para ela ver lá fora, ainda que estivesse na cama. Mesmo com a cabeça sobre o travesseiro ela via uma grande porção do céu e, se estivesse quente o suficiente, podia tomar quanto ar fresco quisesse simplesmente indo até a sacada. Eu adorava visitá-la ali, adorava aquelas conversas sinuosas que mantivemos durante todo o verão e o começo do outono, sentadas na sacada, falando de Hailsham, do Casario, de tudo o que nos viesse à mente.

“O que estou querendo dizer”, continuei, “é que quando tínhamos aquela idade, quando tínhamos, digamos, onze anos, na verdade não estávamos nem um pouco interessadas nas poesias umas das outras. Mas você se lembra? Alguém como Christy, por exemplo? Christy tinha fama de ser ótima em poesia e todas nós a respeitávamos por isso. Até mesmo você, Ruth, nunca ousou bancar a mandona com ela. Tudo porque achávamos que ela era ótima em poesia. Mas não sabíamos patavina sobre poesia. Não ligávamos para a coisa. É estranho.”

Mas Ruth não entendeu meu argumento — ou talvez estivesse tentando evitá-lo de propósito. Talvez estivesse decidida a lembrar-se de nós todos como sendo criaturas bem mais sofisticadas do que de fato éramos. Ou talvez pressentisse aonde minha conversa queria chegar e não quisesse que seguísemos por aquele caminho. Fosse como fosse, soltou um suspiro e disse:

“Achávamos os poemas da Christy tão bons. O que será que acharíamos deles hoje em dia? Seria ótimo se tivéssemos alguns aqui conosco, eu adoraria ver nossa reação agora.” Depois deu risada e disse: “Eu ainda tenho algumas poesias escritas pelo Peter B. Mas isso foi bem mais tarde, já estávamos no Sênior 4. Eu devia ter uma queda por ele. Não imagino por que outro motivo compraria seus poemas. São todos histericamente tolos. Ele se levava tão a sério. Mas a Christy era muito boa, lembro que era mesmo. Engraçado, ela perdeu totalmente o gosto pela poesia quando começou a pintar. E não era nem de longe tão boa com os pincéis”.

Mas voltando a Tommy. O que Ruth disse aquela vez no dormitório, depois do apagar das luzes — que Tommy estava colhendo o que ele próprio plantara —, provavelmente resumia o que a maior parte das pessoas em Hailsham pensava dele na época. Mas foi quando ela disse o que disse que me ocorreu, ali deitada na cama, que toda aquela idéia de ele não se esforçar de propósito era uma coisa que circulava desde a época em que estávamos no Júnior. E então, com um certo

calafrio na espinha, me dei conta de que Tommy vinha passando por aquilo tudo fazia anos e anos, e não umas poucas semanas ou meses.

Tommy e eu conversamos sobre isso não faz muito tempo e a versão que ele me deu do início de suas dificuldades confirmou as conclusões a que eu chegara muito antes. Segundo ele, os problemas começaram durante uma aula de arte de Miss Geraldine. Até aquela tarde, pelo que ele me disse, sempre gostara de pintar. Só que nessa aula específica sua aquarela — um elefante parado no meio de um capim alto — desencadeou todo um processo de ressentimentos. Ele fizera aquilo, segundo me explicou, como uma espécie de brincadeira. Eu o apertei bastante sobre esse ponto e desconfio que a verdade é que foi tudo como são muitas outras coisas naquela idade: você não tem um motivo muito claro, simplesmente vai e faz. Faz porque espera que os colegas achem graça, ou para ver se causa alguma comoção. E quando lhe pedem para explicar, depois, nada parece fazer muito sentido. Todos nós já passamos por algo parecido. Tommy não pôs o ocorrido exatamente nesses termos, mas tenho certeza de que foi o que houve.

De todo modo, ele desenhou um elefante exatamente como um menino três anos mais novo faria. Não levou mais do que vinte minutos para executá-lo e provocou risadas, sem dúvida, embora não do tipo que esperava. Ainda assim, o exercício poderia não ter resultado em nada mais grave — e esta é uma ironia e tanto, imagino — se por acaso a professora de arte aquele dia não fosse Miss Geraldine.

Miss Geraldine era a guardiã favorita de todo mundo, quando estávamos com aquela idade. Era delicada, falava baixinho e sempre nos consolava quando precisávamos de um alento, mesmo depois de alguma coisa errada que tivéssemos feito ou de um pito de outro guardião. Se por acaso se visse obrigada a repreender alguém, passava dias e dias, depois da bronca, dando toda a atenção possível ao aluno ou aluna, como se estivesse lhe devendo alguma coisa. Foi uma falta de sorte muito grande, para Tommy, ter Miss Geraldine à frente da classe naquele dia, e não, digamos, o professor Robert ou a própria Miss Emily — a guardiã-chefe —, que era quem em geral se encarregava das aulas de arte. Caso tivesse sido um desses dois, Tommy teria escutado um pequeno sermão, teria dado seu sorrisinho dengoso, e o máximo que os outros poderiam pensar é que ele fizera uma piadinha muito ruim. Talvez alguns alunos o tivessem considerado até um perfeito palhaço. Miss Geraldine, porém, sendo Miss Geraldine, não seguiu essa trilha. Ao contrário, fez o possível para olhar a aquarela com bondade e compreensão. E, provavelmente adivinhando que Tommy corria o risco de ser criticado pelos outros, exagerou para o lado oposto, inclusive descobrindo coisas para elogiar e apontar à classe. Foi assim que teve início o ressentimento.

“Depois que saímos da sala”, Tommy se lembrou, “comecei a ouvir os primeiros comentários. E ninguém quis nem saber se eu estava escutando ou

não.”

Meu palpite é que Tommy já desconfiava que não estava se saindo a contento mesmo antes daquele elefante — devia achar sua arte, sobretudo a pintura, muito parecida com a de alunos bem mais novos — e andava encobrendo isso da melhor maneira possível, fazendo desenhos deliberadamente infantis. Mas depois do elefante as coisas vieram à tona e todo mundo passou a vigiá-lo para ver o que faria em seguida. Parece que ele até se esforçou por uns tempos, mas nem bem começava alguma coisa já pipocavam zombarias e risinhos à volta toda. Na verdade, quanto mais ele se esforçava, mais risível ficava seu empenho. Não demorou muito para que voltasse à atitude original de defesa e começasse de novo a produzir trabalhos que pareciam propositalmente infantis, trabalhos que diziam que ele não estava nem aí com nada. E desse momento em diante essa sua atitude foi se intensificando.

Durante um certo tempo, o sofrimento se restringiu às aulas de arte — se bem que havia um número suficiente delas; tínhamos um bocado de arte quando estávamos no Júnior. Mas depois a situação foi se agravando. Ele começou a ficar fora dos jogos, os meninos não queriam mais sentar-se ao lado dele nas refeições e fingiam não escutar uma palavra do que ele dizia no dormitório, depois que as luzes eram apagadas. No começo as provocações não eram tão insistentes. Passavam-se meses sem que nada ocorresse, Tommy chegava a pensar que a animosidade havia desaparecido, mas aí alguma coisa que ele ou um de seus inimigos, como Arthur H., aprontavam punha todo o processo em marcha de novo.

Não sei ao certo quando teriam principiado os grandes acessos de raiva. Até onde me lembro, Tommy sempre foi conhecido pelo mau gênio, mesmo na época em que estávamos no Infante, mas ele me assegurou que os acessos só começaram depois que as implicâncias pioraram. De todo modo, foram aqueles acessos de raiva que acabaram dando corda em todo mundo, agravando as coisas, e, por volta da época de que falo — durante o verão do nosso Sênior 2, quando tínhamos treze anos —, as perseguições a Tommy atingiram o auge.

De repente as perseguições pararam. Não foi da noite para o dia, mas foi rápido. Como já falei, eu vigiava a situação bem de perto, na época, de modo que vi os sinais antes da grande maioria. Houve um período — talvez de um mês, quem sabe até mais — em que as zombarias ocorreram com bastante constância, porém Tommy não perdeu a cabeça. Às vezes eu via que ele estava prestes a se descontrolar, mas de algum modo conseguia se conter; outras vezes, limitava-se a dar de ombros ou reagia como se não tivesse notado coisa alguma. De início essas reações provocaram decepção; talvez as pessoas estivessem se sentindo até ressentidas, como se Tommy as tivesse deixado na mão. Depois, pouco a pouco, foram se entediando, as troças foram se abrandando, até que um dia me dei conta de que fazia mais de uma semana que ninguém o arreliava.

Isso não teria sido necessariamente significativo em si, mas percebi outras mudanças. Pequenas coisas, como por exemplo Alexander J. e Peter N. atravessando o pátio junto com Tommy, indo para o campo de esportes, os três conversando com toda a naturalidade; ou então uma sutil porém nítida diferença no tom de voz das pessoas quando o nome de Tommy era mencionado. Até que, certa vez, lá pelo final de um recreio à tarde, houve algo significativo. Estávamos sentadas na grama bem perto do Campo de Esportes Sul enquanto os meninos, para variar, jogavam futebol; eu participava da conversa, mas sem desgrudar o olho de Tommy, que, como eu já percebera, era a figura central da partida. Num determinado momento ele levou uma rasteira e, levantando-se do chão, posicionou a bola no gramado para bater a falta. Enquanto os meninos se espalhavam no campo tentando antecipar a jogada, Arthur H. — um de seus mais acirrados perseguidores —, que estava uns poucos metros atrás, começou a imitá-lo produzindo uma versão aparvalhada da maneira como Tommy se imobilizara diante da bola, de mãos nos quadris. Observei a cena com toda a atenção, mas nenhum outro menino encarou a palhaçada. Todos devem ter visto a encenação, já que todos estavam olhando para Tommy, esperando pelo chute, e Arthur se enfiara bem atrás dele — porém ninguém se interessou. Tommy levou a bola adiante pelo gramado, o jogo prosseguiu e Arthur H. não tentou mais nenhuma gracinha.

Eu me sentia satisfeita com o andamento da situação, mas também um tanto aturdida. Não houvera nenhuma mudança real no trabalho de Tommy — a reputação dele para “criatividade” continuava tão ruim quanto sempre fora. Deu para perceber que o fim dos acessos de raiva fora de grande ajuda, mas o que parecia ser o fator-chave da reviravolta era mais difícil de precisar. Havia algo no próprio Tommy — a maneira como ele se comportava, a forma como olhava as pessoas de frente e conversava daquele seu jeito franco, afável — que estava diferente de antes e que, por sua vez, mudara a atitude daqueles que viviam a sua volta. Mas o que provocara a reviravolta não estava muito claro.

Sem entender direito, resolvi sondá-lo mais um pouco tão logo pudéssemos nos encontrar para conversar só nós dois. A oportunidade não demorou a surgir, num dia em que eu estava na fila do almoço e ele alguns lugares à minha frente. Imagino que isso vá soar meio esquisito, mas em Hailsham a fila do almoço era um dos melhores lugares para se ter uma conversa privada. É isso devido à acústica do Grande Salão; o zunzum generalizado, somado ao pé-direito alto, significava que havia uma boa chance de ninguém escutar o que você estava dizendo, desde que você mantivesse a voz baixa, ficasse pertinho do interlocutor e se certificasse de que os vizinhos de fila estavam entretidos em suas próprias conversas. De todo modo, não tínhamos muitas opções, para falar a verdade. Os locais “sossegados” eram quase sempre os piores, porque sempre existia a possibilidade de passar alguém por perto. E assim que você deixava transparecer

que estava tentando dar uma fugida para ter uma conversa privada, a escola inteira parecia pressentir em poucos minutos o que estava ocorrendo, e aí você não tinha a menor chance.

De modo que quando vi Tommy alguns lugares à frente, acenei — já que, segundo as regras, ninguém podia furar a fila e passar na frente dos outros, mas podia perfeitamente retroceder e voltar alguns lugares. Ele veio me fazer companhia com um sorriso encantado no rosto e ficamos os dois parados por alguns instantes sem dizer muita coisa — não porque estívéssemos sem jeito, mas porque estávamos esperando que o interesse despertado pelo recuo na fila esmorecesse. Depois eu disse a ele:

“Você me parece bem mais feliz, ultimamente, Tommy. As coisas pelo visto melhoraram bastante para o seu lado.”

“Você repara em tudo, não é mesmo, Kath?” Tommy me disse isso sem o menor vestígio de sarcasmo. “É, pois é, está tudo indo bem. Estou me virando legal.”

“Mas o que foi que houve? Você encontrou Deus ou coisa parecida?”

“Deus?” Tommy pareceu meio perdido por alguns segundos. Depois riu e disse: “Ah, entendo. Você está falando de eu não ficar mais... de não ficar mais tão bravo”.

“Não só disso, Tommy. Você inverteu a situação toda. Andei acompanhando de perto. Por isso pergunto.”

Tommy deu de ombros. “Cresci um pouco, imagino. E talvez todo mundo também tenha crescido um pouco. Não dá para ficar batendo na mesma tecla o tempo todo. Fica chato.”

Não falei nada, mas continuei olhando bem nos olhos dele, até que Tommy soltou mais uma risada curta e disse: “Kath, você é tão xereta. Está bem, imagino que tenha mesmo havido algo. Algo que aconteceu. Se você quiser, lhe conto tudo”.

“Bom, então conte.”

“Vou contar, Kath, mas prometa que não vai espalhar por aí, certo? Uns dois meses atrás, tive uma conversa com a Miss Lucy. E depois disso passei a me sentir muito melhor. É difícil de explicar. Mas ela me disse uma coisa e tudo começou a parecer bem melhor depois.”

“E o que foi que ela disse?”

“Bom... O problema é que talvez pareça meio estranho. No começo achei muito estranho. O que ela falou foi que se eu não quisesse ser criativo, se realmente não tinha vontade de ser criativo, então sem problemas, tudo bem. Não há nada de errado com isso, ela falou.”

“Foi isso que ela falou?”

Tommy confirmou com a cabeça, mas eu já estava reagindo.

“Isso é puro papo furado, Tommy. Se você agora resolveu fazer esses

joguinhos bestas, lavo minhas mãos.”

Eu estava genuinamente brava porque, para mim, ele estava mentindo bem no momento em que eu merecia toda a sua confiança. Vendo uma menina conhecida alguns lugares atrás, fui conversar com ela e larguei Tommy sozinho. Percebi que ele tinha ficado surpreso e desconcertado, mas depois de tantos meses me preocupando com os problemas dele eu me sentia traída, e pouco me importava o estado em que o deixara. Conversei com minha amiga — acho que era Matilda — o mais animadamente que pude e mal olhei para o lado de Tommy durante o resto do tempo em que ficamos na fila.

Mas na hora em que eu estava levando meu prato para a mesa ele se aproximou por trás e me disse, com voz apressada:

“Kath, eu não estava tentando enganar você, se é isso que você está imaginando. O que aconteceu foi aquilo mesmo. Eu lhe conto tudo, se você me der uma chance.”

“Não fale besteira, Tommy.”

“Kath, vou lhe contar tudinho. Vou para o lago logo depois do almoço. Se você for até lá, lhe conto.”

Lancei um olhar de censura para ele e me afastei sem responder, mas já então, imagino, havia começado a cogitar sobre a possibilidade de que ele não estivesse, no fim das contas, inventando a história com Miss Lucy. E quando me sentei com minhas amigas já estava começando a imaginar uma forma de ir até o lago sem despertar curiosidade em ninguém.

O lago ficava ao sul do casarão. Para ir até lá, o melhor caminho era sair pela porta dos fundos e descer uma alameda estreita, sinuosa, empurrando para o lado o emaranhado de samambaias que, no outono, ainda obstruíam a passagem. Ou então, caso não houvesse nenhum guardião por perto, cortar caminho pelo canteiro de ruibarbo. De um jeito ou de outro, desembocando no lago você deparava com uma atmosfera tranqüila, cheia de marrecos, juncos e plantas aquáticas. No entanto, o lago não era um bom lugar para uma conversa discreta — não chegava nem aos pés da fila do almoço. Primeiro porque quem ia para lá ficava bem visível para todo mundo que estivesse na casa. E era sempre difícil prever como o som viajaria pela água; se alguém quisesse bisbilhotar conversa alheia, nada mais fácil do que seguir pela trilha que contornava o lago até achar um bom esconderijo entre as moitas, do lado oposto. Mas, como tinha sido eu quem interrompera a conversa na fila do almoço, era preciso me conformar com a situação. Outubro já ia adiantado àquela altura, mas fazia sol e resolvi que seria perfeitamente possível fingir que resolvera dar uma volta e por puro acaso cruzara com Tommy no lago.

Talvez por estar tão ansiosa para manter essa impressão — mesmo sem saber se havia ou não alguém me vigiando de fato — não esbocei a menor intenção de sentar-me quando topei com ele acomodado numa grande pedra achatada, não muito longe da beira da água. Devia ser uma sexta-feira, ou um fim de semana, porque lembro que estávamos vestidos com nossas próprias roupas. Não me recordo direito da roupa de Tommy — ele devia estar com uma daquelas camisetas de futebol esfarrapadas que usava mesmo depois que o tempo esfriava —, mas sem sombra de dúvida eu estava com o agasalho marrom, o que tinha um zíper na frente, comprado num Bazar quando eu estava no Sênior 1. Dei a volta e parei de costas para o lago, de frente para a casa, para poder ver se havia

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Não Me Abandone Jamais"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).